

Mensagem 121

Retiro em Pamporovo na Bulgária, 3 de Julho de 2007

Mais dois Sutas da Gita

**1. Aksharam Brahma Paramam Swabhavo dhyat mamuchyate
Bhutabhaavod bhava karo Visargah Karmasangnitah (8 | 3)**

**2. Adhibhutam Ksharo Bhavah Purushaschaadhi daivatam
Adhiyagnohamebatra Dehe Dehabhritam Bara (8 | 4)**

A Inteligência (Chaitanya) é imperecível e suprema. O estado Natural é o único estado espiritual. Só aquilo que traz a renovação constante de nós próprios e que gera a percepção holística existencial a todo o momento, pode ser chamado de “acção”.

Este Sutra é extremamente profundo. Nós consideramos o “eu” falso e mesquinho, a separação ilusória na consciência cognitiva, como algo imperecível! Damos-lhe continuidade e permanência invocando a ideia da “alma individual”, “Deus”, “Paraíso”, “Inferno”, “Nirvana”, “Mukti”. Projectamos um “eu” como algo real, através das nossas várias buscas por acumulação e renúnciação, de afirmação e negação, de buscas científicas e espirituais. Mas todas as actividades do “eu”, sob que lema ou bandeira for, degeneram por fim em notoriedade e engano, conflito e tristeza, dor e sofrimento, frustração e desapontamento, guerra e destruição. Poderá o “eu” desaparecer, para que uma pessoa possa estar disponível para a Inteligência, que é a vida em si mesma, no seu estado natural?

No estado natural, há a percepção da actualidade – e não suposições e generalizações. No estado natural os pensamentos surgem com pausas, em descontinuidade. O estado natural está interessado na santidade dos registos factuais da memória, sem a sensualidade dos registos psicológicos.

Não é por exemplo o estado natural de U.G. No qual ele aprecia o seu papel como “terrorista espiritual” e encoraja a sua corte a cantar a canção “J.K. é uma farsa”.

O estado natural é *Gunatit*, ou seja, está para além do condicionamento compulsivo e das informações culturais impostas pela sociedade e o meio ambiente durante a educação. O estado natural não promove o enredamento com os empreendimentos mentais, pois está na energia do entendimento. Este estado natural é o único estado espiritual – e não o estado no qual temos de representar uma “vida espiritual” através da utilização de vestes especiais, títulos, barbas compridas, rastas (Jataas) e de muitas outras práticas rigorosas.

A acção do “eu” origina todo o tipo de escravidão e fardos pesados, através da sua indulgência incessante em querer tornar-se algo. Isto não é acção. É conflito, confusão e caos. É encarceramento dentro do campo do antigo, dentro do campo dos opostos.

A acção da inteligência imparcial, na pureza da percepção existencial, é a única acção

correcta. É sempre fresca e nova em todas as ocasiões.

2. O mundo manifesto da matéria é impermanente. A Inteligência é Divindade. E num corpo vivo, deve existir sempre um fogo cerimonial (*Yagna*), que constantemente sacrifica o “eu” separativo, para que permaneça desperto para a Inteligência. Além disto, um corpo que se mantenha perto dum tal corpo, no qual esta cerimónia do fogo acontece, é verdadeiramente sortudo, porque nesse outro corpo pode também ocorrer um *Yagna* através do processo de indução.

JAI YAGNA